

## A ADULTIZAÇÃO DA CRIANÇA NA ATUALIDADE FACE À MÍDIA INFLUENCIADORA

Saraina Gonsalves de Araujo\*

Miriam Cestari Niebuhr\*\*

Giancarlo de Aguiar\*\*\*

### Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar e analisar a manifestação da adultização infantil através da cultura midiática contemporânea, investigando como esse fenômeno foi surgindo no decorrer dos anos e como se encontra atualmente, a partir de relatos históricos sobre a infância e posicionamentos dos doutrinadores acerca de suas interpretações.

Palavras-chave: Adultização. Mídia Influenciadora. Crianças. Infância.

### 1 INTRODUÇÃO

Desde toda a nossa história presenciamos a confusão de fronteiras existentes entre o mundo adulto e o mundo infantil. O fenômeno adultização se manifesta em nossa sociedade de diferentes formas, seja em fatos históricos onde se tem relatos de crianças iniciado sua jornada de trabalho cedo demais ou na atualidade onde temos crianças cada vez mais integradas com a mídia, fama e bens de consumo. Para entendermos os fenômenos que caracterizam a infância e sua iniciação cada vez mais precoce na vida adulta, precisamos analisar o contexto social e cultural em que a mesma está inserida, muitos pediatras, psicólogos, psiquiatras, juristas e educadores têm se preocupado com as características das crianças e tentam imaginar que futuro as espera, como os infantes estão se relacionando com o mundo, com os mais velhos, com os professores, e com as autoridades (MARTIS, 2015).

Presenciar o desaparecimento da infância ao longo dos anos, faz surgir a necessidade de falar sobre os fatores que colaboram para que esse

fenômeno aconteça. É importante estar atento as experiências vividas na infância, levando em conta que nos dias atuais, a cultura midiática vem surgindo como forte influenciadora de identidades e comportamentos, tendo em vista que cada vez mais temos crianças engajadas, participativas, questionadoras e abertas a um volume de informações nunca antes existentes na infância, e tudo isso as molda para o futuro (SILVA, 2012).

A ideia central desse artigo é trazer de forma clara e objetiva com base em dados teóricos, como se manifesta o fenômeno da adultização infantil na atualidade, partindo de um contexto histórico acerca de como a infância era vista no passado, como vem conquistando seu espaço ao longo dos anos, e como é vista na atualidade face a uma cultura fortemente atrelada a mídia que por muitas vezes promove o processo de adultização e sexualização infantil.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 A Infância: Relatos Históricos

A palavra criança vem do latim *creare* (produzir, erguer) relacionado à *crecere* (crescer, aumentar), *crecer*, *aumentar*, adjetivos associados ao indivíduo de pouca idade e em fase de desenvolvimento e crescimento. Mas a noção de infância que temos hoje é uma invenção da pós-modernidade e traz em seu bojo um processo dinâmico de transformações que nos possibilita refletir sobre as produções de subjetividade para além dos domínios e marcadores biológicos do desenvolvimento da criança (MENEZES apud FERREIRA, 2010).

Se olharmos para a história, desde o tempo de senhores e escravos, vemos que crianças com idades de quatro anos já trabalhavam com os pais ou sozinhas, aos doze anos essas mesmas crianças já tinham seu valor dobrado no mercado, e eram vistas como pequenas máquinas de trabalho (PRIORE, 2010).



Em meados do séc. XVI durante a colonização brasileira, meninas de quinze anos eram consideradas aptas para casar, e os meninos de nove anos plenamente capacitados para o trabalho pesado, o cotidiano infantil a bordo das embarcações portuguesas era extremamente penoso. Os meninos não eram ainda homens, mas eram tratados como se fossem, e ao mesmo tempo eram considerados pouco mais que animais, cuja mão de obra deveria ser explorada enquanto durasse sua vida útil. Em meio ao mundo adulto, o universo infantil não tinha espaço: as crianças eram obrigadas a se adaptar ou perecer (PRIORE, 2010).

Nota-se, assim, que no passado a infância não era vista como um ciclo isolado, se olharmos para a história veremos que na Idade Média, crianças e adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, trabalho ou festa. Não havia a divisão territorial das atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida (ARIÈS apud WEBER e MAFFEZZOLL 2016).

Somente no final do século XVII, início do XVIII é que a categoria infância passa a ser identificada pelo tecido social, a partir desse momento cresce a necessidade de distinguir os ciclos de vida, vai se dando mais importância a infância, as crianças passam a serem vistas como seres humanos individuais com necessidades específicas. Surge um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós (HEYWOOD apud NETTO e cool, 2010).

Ainda sobre a perspectiva das características que surgiram para diferenciar crianças de adultos, Postman apud Weber e Maffezzoll (2016) postulou que: "De qualquer modo, como a infância e a idade adulta se tornaram cada vez mais diferenciadas, cada esfera aperfeiçoou seu próprio mundo simbólico e, finalmente, passou-se a aceitar que a criança não podia compartilhar a linguagem, o aprendizado, os gostos, os apetites, a vida social, de um adulto" (POSTMAN, 2012, p. 66).

No final do século XX início do século XXI, uma das lamentações mais frequentes foi o desaparecimento da infância. Para Buckingham apud Weber e Maffezzoll (2016) esse desaparecimento surgiu através de um amplo

conjunto de campos sociais, pela família, a escola, a política e principalmente pelas mídias. É claro que a figura da criança sempre foi foco de medos, desejos e fantasias dos adultos. Nos últimos anos, porém, as certezas tradicionais sobre o significado e o status da infância tem sido constantemente corroída e abalada, com isso parecemos não saber mais onde encontrar a infância.

## 2.2 Direitos à proteção

É possível perceber que a iniciação precoce na vida adulta esteve sempre presente, as crianças sempre foram expostas a todo tipo de risco, violência física, assassinatos, abuso sexual, trabalho penoso e a exclusão. Para Belloni (2007) evidentemente essa situação de risco que historicamente esteve presente, hoje não é a situação da maioria das crianças brasileiras, segundo estatísticas oficiais, a condição de vida infantil melhorou bastante nos últimos anos, principalmente no que diz respeito aos seus direitos a educação e acessos em geral. Os direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes são especiais, eles são titulares de todos os direitos individuais e sociais reconhecidos ao ser humano nos artigos 5º, 6º e 7º da constituição da república.

A Constituição Brasileira de 1988 (artigo 227) nos diz que, é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BELLONI, 2014).

Em 1990, dois anos depois da elaboração da Constituição da República, surge a o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O ECA surgiu para tutelar a criança e o adolescente, e retirar o que era denominado de "coisificação" para sujeito de direito. Surge então os direitos do infante juvenil, como a dignidade da pessoa humana, inserindo a



corresponsabilidade da família, da sociedade e do Estado na garantia de direitos da infância. A criança, então, passa da condição de objeto do direito à condição de sujeitos de direitos, sendo-lhes atribuídas algumas garantias e prerrogativas antes pertencentes apenas aos adultos (MARTINS, 2009).

### 2.3 A cultura midiática como influenciadora no processo de adultização

Chamada de quarto poder, a mídia é capaz de imprimir valores comportamentais, de estilo, de saúde e de consumo. Desde os anos de 1970, a sociedade vem convivendo com a realidade da cultura das mídias de maneira intensa. O conceito mídia é abrangente e se refere aos meios de comunicação de massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação. Além disso, engloba mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens em computadores e redes de comunicação. Para o bem ou para o mal, as mídias transmitem mensagens contribuindo para a formação de identidade de todos, em especial, as crianças (SETTON, 2010).

Em seus estudos Lev Vygotsky (2007) sempre destacou que as crianças adquirem seus valores, crenças e estratégias de solução de problemas por meio da cultura social em que a mesma está inserida. Nos dias atuais vivemos sobre uma forte cultura midiática, que se caracteriza como um forte poder de influência, sendo capaz de imprimir valores comportamentais, de estilo, saúde e consumo dentro de uma sociedade onde para Mccracken apud Weber e Maffezzoll (2016) a beleza, a moda, fama e os meios de comunicação, estão cada vez mais presentes nas expressões culturais. Para Setton (2010)

A cultura enquanto forma de linguagem, mediadora e produtora de sentido/significado, é responsável pelos consensos de valores e comportamentos das sociedades conseqüentemente, a cultura como organizadora do mundo serve como reguladora das nossas mentes (SETTON, 2010, p. 20).

Na atualidade, as mídias eletrônicas (rádio, televisão, videogames, jogos eletrônicos, internet) vêm funcionando nas últimas décadas como dispositivos extremamente eficazes de socialização. Segundo o IBGE, em 2004,

dos 49,2 milhões de domicílios brasileiros, a televisão está presente em 98% das casas e 7,5 milhões possuíam pelo menos um microcomputador, destes 5,6 milhões com acesso à internet (BELLONI, 2014).

A criança é mais vulnerável diante dos meios de comunicação, por isso acaba se tornando alvo fácil para o marketing, um dos pontos cruciais que leva a essa discussão é o fato de que a TV, com seus programas e propagandas, constrói um forte e persuasivo mercado consumidor constituído por crianças, as quais, desde muito cedo, aprendem o prazer de “ter” o brinquedo ou o celular da moda, segundo Dias (2012), desde os 2 anos de idade as crianças são estimuladas ao consumo, nessa fase a comunicação de produtos de TV se dirigem aos infantes com mensagens direcionadas ao apelo emocional. As propagandas implicam sonho, felicidades, e valores imateriais. Os adultos sabem disso, mas as crianças, em fase de formação de caráter, realmente acreditam no que nos meios de comunicação dizem e mostram. Estamos falando de um ser que não consegue abstrair: o simbólico e a realidade.

Vygotsky (2007) postula que, a relação do indivíduo com a cultura ocorre por meio da mediação simbólica, isto é, a relação do homem com o mundo não é direta e sim mediada por instrumentos e signos, ambos conceitos desenvolvidos por Vygotsky para designar a relação do indivíduo com o meio (externo) e consigo mesmo (interno) cuja linguagem é o signo primordial. Para Chombart e Lauwer apud Conceição (2016), a criança cria percepções sobre a realidade a partir do que lhe é cotidiano: "A maneira de perceber e de pensar da criança influi sobre suas condições de vida, sobre seu estatuto e sobre os comportamentos dos adultos em relação a ela. Em uma dada sociedade, as ideias e as imagens relativa à criança, por mais variadas que sejam, organizam-se em representações coletivas, que formam um sistema em níveis múltiplos" (CHOMBART e LAUWER apud CONCEIÇÃO 2016, p. 01).

É preciso entender que o caráter simbólico dos fenômenos culturais expressa valores comportamentais e morais (SETTON, 2010, p. 16). A relação entre o que se vê, o que se usa e sua identidade é bastante forte. A criança desde cedo diante de tanta informação dada pela cultura da mídia é



estimulada a internalizar comportamentos, hábitos, formas de lazer e gostos semelhantes a ações típicas de uma vida adulta, hoje produtos como bolsas, sutiãs, sapatos de salto, dentre outros, que são oferecidos para mulheres adultas, hoje também são oferecidos para meninas (SILVEIRA apud Weber e Maffezzoll 2016). A sociedade moderna influencia constantemente as crianças com seus valores, em um contexto em que ter é mais fundamental do que ser.

Para Elkind apud Lira e cool (2017) quando a cultura existente estimula as crianças a se vestirem, ter atitudes e pensamentos como adultos, na verdade, está sugerindo que elas experimentem a vida adulta, estimulando a ausência das práticas da infância. Para Elking apud Lira e cool (2017) as crianças são caracterizadas como o inverso do adulto, com necessidades especiais, intelectuais, sociais e emocionais diferentes. Ainda sobre essa discussão, Adatto postula que: "Estamos obcecados por crianças, mas isto não significa que estejamos preservando a noção de infância. Estamos obcecados porque as barreiras entre a infância e a idade adulta estão sendo rompidas, e não sabemos ao certo aonde isto leva" (ADATTO 1998, p. 5).

#### 2.4 Erotização/ sexualização infantil

Para Postman (1999) a mídia televisiva contemporânea revela uma infância, consumista e erotizada, seja através da comercialização de bonecas com silhueta fina, seios grandes, bonecos, magros e musculosos ou programas de TV, que banalizam o uso do corpo infantil de maneira insinuante. A criança está cada vez mais exposta a comportamentos pertinentes ao mundo adulto e a sexualização precoce

Sexualidade e sexualização precoce tem suas diferenças, a sexualidade infantil é um processo natural e cultural desenvolvido desde as primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe. O respeito à manifestação da sexualidade é um direito da criança. Contudo, muitas vezes, os adultos são inapropriados em relação à sexualidade infantil, são descuidados em relação a seus comportamentos sexuais. Tornam acessível à

criança um ambiente erotizado. Desse modo, impõem um padrão de comportamento na ótica da sexualidade. Tal padrão de comportamento dificulta a manifestação da sexualidade infantil e ainda leva a criança a reproduzir o comportamento sexual adulto em suas próprias brincadeiras. As mensagens subliminares vão sendo registradas na mente da criança de forma mal elaborada (YANO e RIBEIRO, 2009).

Carvalho citado por Gutjahr e John (2012) postula que família, escola, religião e meios de educação não-formal, como os meios de comunicação de massa, têm suas respectivas funções nesse processo de educação. Contudo, ao falar de sexualidade, os pais não se sentem à vontade e, quando se sentem, acabam pressionando seus filhos. Para Mangold apud Gutjahr e John (2012 p. 4), "A sexualidade infantil é diferente da sexualidade adulta e, inerente a qualquer criança, sua demonstração será particular a cada uma".

Percebe-se através de Yano e Ribeiro (2009) que dentre os meios de conhecimentos mais relacionados pelas crianças como fontes de informação sobre sexualidade na ausência dos pais estão: a mídia televisiva, a observação e análise dos acontecimentos ao seu redor e amigos. Ao buscar respostas sozinhas sobre sexualidade, a criança encontra a resposta de forma inadequada, muitas vezes nesses programas os infantes encontram imagens ou cenas com fortes conteúdos sexuais, é comum encontrar na mídia a exibição de meninos e meninas cantando e desempenhando cenas com alto teor sexual em vídeos e imagens na internet e televisão, esses conteúdos são nocivos para o desenvolvimento do público infantil, tanto para aqueles que realizam as cenas, tanto para os que acessam o conteúdo impróprio para uma criança.

Para Araújo (2016), em uma sociedade líquida, sem bases sólidas, em que tudo é permitido e os direitos à infância são contrariados, a superexposição infantil acaba violando direitos fundamentais do menor. Quando crianças realizam cenas eróticas e cantam músicas com teor sexual para as crianças que fazem parte daquele "espetáculo", todas estão vulneráveis a demasiado dano moral, pois sua integridade psíquica é abalada, existindo um desenvolvimento sexual precoce. Nossa cultura como



um todo promove a erotização de crianças, nossa sociedade não vê problema em ter crianças acessando a mídia ou dentro da mídia desempenhando papéis com cunho sexual.

A erotização muitas vezes leva a pornografia infantil, trazendo grave dano à vítima que por ser exposta com sua imagem, viola-se a sua intimidade, causando danos e abalos psíquicos para a criança, além de muitas vezes colocar a criança em situação de risco, as tornando alvos para pedofilia e o sequestro infantil. É relevante observar que existem pessoas que estão acessando a internet justamente para encontrar crianças em exposição para serem as suas vítimas (ARAUJO, 2016). Para efeito dos crimes previstos nesta lei, a expressão “cena de sexo explícito ou pornográfica” compreende qualquer situação que envolva criança ou adolescente em atividades sexuais explícitas, reais ou simuladas, ou exibição de órgãos genitais de uma criança ou adolescente para fins primordialmente sexuais (BRASIL apud ARAUJO, 2016).

### 3 CONCLUSÃO

Até aqui, foi possível constatar que sociedade contemporânea vive um momento em que ter e consumir é mais importante do que as relações entre pessoas. A nossa cultura promove a erotização de infantil muitas das vezes de forma inconsciente, hoje a criança adultizada é vista como “característica da sua geração”, ao invés de crianças se preocupando com coisas de criança, temos crianças se preocupando com situações adultas.

Como vimos nos relatos históricos aqui apresentados, a criança evoluiu de “pequenas máquinas de trabalho” a um ser “especial”. A infância conquistou seu espaço e garantiu seu mundo dividido dos adultos, estamos presenciando um retrocesso, o mundo infantil e o mundo adulto voltaram a se confundir.

Outro ponto importante analisado, é no qual temos pais como incentivadores, hoje em dia é muito mais fácil largar um aparelho com acesso a mídia na mão de uma criança para acalmá-la do que parar para brincar

ou simplesmente conversar. Hoje os adultos levam as crianças junto para um mundo de acúmulo de coisas e anseio pelo sucesso, e quem perde com isso infelizmente são as crianças, perdem a infância, a chance de brincar e aproveitar cada fase do seu desenvolvimento sem interrupções. Para Araújo (2016), a criança não deve perder o direito à infância, apenas pelo fato de uma mídia lucrar com atos obscenos expostos em horário não correspondente, nem o da criança ser exposta em uma publicidade para um público vulnerável, que é facilmente rendido ao desejo de querer produtos. Mas o pior de tudo, de vestir-se, de ser tratada como um adulto, em que roupas curtas e poses sensuais são normais e a banalização do sexo é estampada em nossa sociedade (ARAÚJO, 2016, p. 38).

Para concluir, é importante que a criança tenha o direito de vivenciar esta fase da vida, que comporta tantos saberes para o desenvolvimento humano. A criança precisa brincar, estudar e ter pais presentes para sanar suas dúvidas e questionamentos sobre a vida de forma natural. A infância não pode morrer, o sentimento de infância precisa ser resgatado novamente.

### REFERÊNCIAS

ADATTO, K. Conceito de infância passa por transformação. O Estado de São Paulo. Matéria de Peter Applebome, 1998.

ADULTIZAÇÃO Da Infância Pela Mídia: Uma Leitura Sócio-histórica. Disponível em: <file:///C:/Users/SONY/Downloads/269-1244-1-PB%20(1).PDF/> Acesso em: 09 jul. 2018.

A EROTIZAÇÃO INFANTIL Induzida Pela Mídia Sob A Análise Do Princípio Da Proteção Integral Da Criança. Disponível em: <<http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/302/1/Monografia%20Lorenna%202016.1%20%281%29.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2018.

BELLONI, L. Crianças e mídias no Brasil: Cenários de mudança (livro eletrônico) – Papirus, 2014.

DEL PRIORI, M. História da criança no Brasil/- São Paulo, 2010.



DIAS, M. A. - VASCONCELLOS, Luciene. A criança e o marketing: informações fundamentais para proteger as crianças dos apelos do marketing infantil - São Paulo: Summus, 2012.

EROTIZAÇÃO PROCOCE: uma análise das representações da infância nas páginas do suplemento infantil Folhinha. Disponível em:

<file:///C:/Users/SONY/Downloads/32452-119207-1-PB%20(2).pdf/> Acesso em: 12 jul. 2018.

FANTASIA E REALIDADE: o faz de conta e o contexto da criança. Disponível em: <file:///C:/Users/SONY/Downloads/conceicao\_me.pdf/> Acesso em: 30 jul. 2018.

MARTINS, F. José A criança terceirizada: Os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo (livro eletrônico ). Campinas, SP: Papirus, 2015.

MÍDIA, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial. Disponível em:

<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0535-1.pdf> Acesso em: 08 jul. 2018.

O DESENVOLVIMENTO da sexualidade de crianças em situação de risco. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n6/v45n6a06.pdf/> Acesso em: 11 jul. 2018.

O FIM DA INFÂNCIA? As ações de marketing e a “adultização” do consumidor infantil. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ram/v11n5/a07v11n5.pdf> Acesso em: 10 jul. 2018.

SETTON, M. da G. Mídia e educação. São Paulo: Contexto, 2010.

Significado cultural e a adultização de crianças. Disponível em:

<file:///C:/Users/SONY/Downloads/5704-10652-1-PB%20(1).pdf> Acesso em: 09 jul. 2018.

SILVA, M. Sexualidade começa na infância – Casa do Psicólogo, 2010.

Vygotsky e o desenvolvimento infantil. Disponível em:

<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580391664/23.pdf> Acesso em: 10 jul. 2018.

Sobre o(s) autor(es)

\* Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Videira-SC, Santa Catarina (Brasil). E-mail: sarah\_araujo.g@hotmail.com.

\*\* Psicóloga, Mestre em Educação, Professora da Universidade do oeste de Santa Catarina – Videira SC, Santa Catarina Brasil. E-mail: miriam.niebuhr@unoesc.edu.br

\*\*\*Psicólogo, Doutor em Filosofia da Cultura, Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Videira. SC, Brasil.